

Ver na 3.ª página a interessante, sensacional e documentada análise do bairro de Alfama, acompanhada de elucidativas gravuras.

A luta pela Liberdade!

A liberdade é o direito de viver; não há liberdade que não se funde no direito de viver. — R. Proença.
O sindicalismo não é um organismo que morre, é um ser que se desenvolve e que quer viver. — Varius.
A força e ao saber dos tiranos corresponde logicamente a dinamite dos revoltados. — Alvaro Vaz.

(Tudo da «Alma Nacional»)

Embaralhada nas vociferações e emendas contra as injustiças de todas as épocas sociais, inarticuladamente brandando o berreiro da revolta por forma a deprimir o ar abarçado no imenso campo dos seus sofrimentos, agitando em fortes vendavais de ansias libertárias, a carne humana e oprimida vem, de ideias longevas, pertencentes ao passado, a procura de salvação, e, depois de horridamente haver sido lousado pela tenebrosa tesoura dos mais variados tiranos: tombando aqui, esbarrando ali, erguendo-se ali, fustigando reinvidicadas, ela, ora em passos cautelosos, ora em corridas vertiginosas, tem vindo em demanda da Liberdade que lhe garanta o direito de viver, em pleno Sol, em plena Luz, em plena Harmonia, em pleno conjunto de felicidades espirituais, morais, económicas e sociais. Num esforço indomito, num esbarço de heróico, procura evadir-se da sinistra marmorra social em que a degradam, em que a inquisitoriam, em que a dilaceram, para ir ao encontro da verdadeira Liberdade, da verdadeira Vida, pura, bela, idílica, sem escrúpulos, sem exploração mercantilista, sem selvagens a esfaflarem o Direito, sem barrancos a esparçarem a Justiça, sem as urzes dum Calvário enorme a ensangrentarem pedregal de alma solidária!

Nesta lúgubre História da Dó, que tem entornado no Calix das amarguras rios de sanguineas lágrimas, o povo português também tem desempenhado o seu papel de tragédia; uma partícula integrante da família humana e oprimida, ele aspira a sair do fundo do antro onde o estatizam e onde angustia os pulmões nas sufocações deletérias da mais triste miséria — sequestrado ao mundo feliz, isolado no túmulo das torturas!

O povo da nossa terra, o povo da nossa pátria — essa pátria que nos maltrata, essa pátria que nos amaldiçoou com as mais fúribundas perseguições de toda a ordem — entrou mais no terreno das amonizações, quando um partido político espalhafatoso, captando as simpatias com as suas quiméricas promessas, abatia a sua clava anatematizante e revolvia no dorso rugoso da velha monarquia brigantina.

Quando este ominoso regime se estava a debruçar no leito moribundo para receber a extrema-união do sagrado vitalício, a fim de, remida de pecados, entrar confortado nos seus dias de repouso, a organização republicana, insubordinada ao povo lisongeiro, era um espírito tímido: assustava aqueles que se alimentavam dos detritos de desdentada caracasa monárquica.

O partido republicano da época, oferecendo a liberdade, o direito de viver, prometendo não deixar moderar mais as campanhas da finança, os quadrelheiros do comércio, os libusteiros da indústria, os matulas da ordem, para que em Portugal se arripasse caminho, se desbravasse terreno para o início das transformações sociais e económicas, conseguiu agregar em volta de si o povo, o proletariado sedento de pão, de justiça e de liberdade. E, que então dizia-se, num entusiasmo doutrinar, que não havia liberdade que não se fundasse no direito de viver. Desmoralizado o império azul e branco, os seus defensores procuravam desmoronar o partido republicano e inutilizar, pela prisão, pelo degredo, ou pelo exílio, alguns dos seus homens mais em evidência.

Bomba que estourasse, explosão que se desse, crime que se efectuasse, atentado que se fizesse, era tudo obra do partido republicano, composto de desordeiros, de salteadores, de ladrões e assassinos, que se escapavam pelos alçapões das sociedades secretas ou se desfiguravam pelo ativeamento das misérias.

Embora afirmassem os mentores do partido que, arrastados numa vertiginosa convulsão, que, a cada momento, bravada à sua alma ingenuamente rebelde, o problema nacional tinha de ser resolvido a tiro, e só a metralha, infelizmente, se podia purificar o atoleiro em que a sapata clerical dum regime odioso, a cada momento, revolvia o entulho e a casa, os do directorio solitariamente sacudiam a água do seu buíco capote, repellido as insinuações caluniosas

A liberdade de reunião em Aveiro

Uma comissão da Federação da Construção Civil procurou ontem o ministro do Interior, a fim de reclamar contra as autoridades de Aveiro que não permitem a liberdade de reunião, perseguindo todos os elementos operários.

O governador civil de Aveiro, que se achava presente, disse que se os operários da construção civil daquela cidade não reuniam e porque tinham resolvido dissolver a Associação, o que imediatamente foi desmentido pelos delegados da Federação, pois que se não reuniam era porque a polícia os perseguia.

Ficou assente que em breves dias seriam delegados da Federação, ao que o governador civil disse garantir toda a liberdade.

Claro que omitimos aqui vários pormenores interessantes da entrevista, contando que não tenhamos que voltar a falar no assunto, isto é, o desmentido das afirmações do governador civil de Aveiro.

Classes que reclamam

Pessoal da Carris de Ferro
A comissão de melhoramentos desta classe entrouvontou ontem diversas entidades, a fim de conseguir a satisfação das suas reclamações de há muito pendentes.

Em breve será convocada a classe a reunir para serem apreciadas as demarchas realizadas.

Pessoal Extraordinário dos Tabacos
A comissão delegada do Pessoal Extraordinário dos Tabacos procurou ontem mais uma vez o ministro das Finanças para tratar da questão dos aumentos desta classe, mas como o ministro se achava em conferência não pôde ser recebida.

Tencionava esta comissão avistar-se com o ministro na próxima sexta-feira.

AS GREVES

Manifacções de artigos de viagem

Esta classe, que há 16 dias, com tanta atividade que a dignifica, tem lutado pela satisfação das reclamações que apresentou aos industriais, mostra-se disposta a continuar lutando até que justiça lhe seja feita.

Na assembleia de ontem a comissão de demarchas deu conta da sua missão junto do presidente da União dos Industriais, pondo à apreciação dos grevistas um alvará daquele sr. reitor hoje os seus papeis, a classe consentiu que os seus representantes permanecessem no estabelecimento no lapso de tempo que durar a dita reunião.

Foi resolvido aceitar esse alvará com a condição, porém, de esses camareiros não prestarem serviço algum, usando esta resolução a facilitar a solução do conflito.

Em face disto, deverão os caixeiros das casas Casal, Jacinto, J. Rebelo, Sestelo, Jerónimo G. Costa Reis, Franco, Rodrigues Monteiro, Cebeiro e Brandão comparecer nestas 15 horas em ponto, retirando logo que finda a reunião dos Industriais.

Para apreciar a resolução que eles tomem e resolver em harmonia, reúnem hoje os grevistas às 17 horas.

Nota do Comité

O Camaradas: Regista este comité com satisfação o belo trabalho que sabeis manter perante a resistência dos industriais insensíveis perante o crescente custo da vida.

Hoje indicamos o comité a conveniência de respeitados a resolução tomada referente aos caixeiros, pois assim demonstraremos não só a vossa firmeza, como a convicção que vos anima de que as vossas reclamações são atendíveis.

Corticeiros de Silves
SILVES, 16 — C. — Há algumas se-

Clemente Vieira dos SANTOS

manas que os operários corticeiros desta cidade formularam aos industriais corticeiros uma reclamação de 50 %, nos seus salários, mas infelizmente passavam-se os dias sem que a sua petição fosse atendida por mais delicadamente que os operários instassem. Como porém na semana anterior os industriais precisassem fazer embarque dos seus produtos, os operários reataram, nomeando comissões para se entrevistarem com industriais, os quais nada queriam dar, mas, instados pelas comissões, estas conseguiram ao cabo de duas entrevistas o aumento de 30 % dos seus salários. Regista esta classe mais uma vitória filha da sua organização, mas dentro em pouco, estes novos proventos serão o motivo do constante e sempre crescente custo dos géneros alimentícios.

— E digna de menção e agradecimento a solidariedade para com os operários corticeiros prestada pe os classes das camaradas carreiros de Silves e lancheiros de Portimão, que contribuiu em grande parte para a vitória das suas justas reclamações.

Oxalá estas classes saibam sempre cumprir os seus princípios de solidariedade, porque só assim a família trabalhadora poderá triunfar em todas as suas reclamações e até final na transformação da sociedade actual para outra onde seja a completa emancipação dos trabalhadores. — C.

Contra um novo imposto

Realiza-se na próxima sexta-feira às 21 horas, na sede da Concentração Musical 24 de Agosto, rua da Paz, 7, uma reunião de protesto de sociedades de recreio contra o agravamento do novo imposto que sobre elas foi lançado. Nessa reunião far-se-á representação por um delegado todas as colectividades de recreio existentes em Lisboa. Promove a reunião a Concentração Musical Imarcial Sport.

As proezas do capitão Fernandes Fão

Negociando com carne humana e defraudando o Estado

Verdadeiramente escandaloso o que o *Eco Musical*, órgão dos músicos portugueses, nos revelou pela pessoa do seu director, sr. Gomes da Silva, na entrevista concedida a propósito dos desmandos do capitão chefe da banda do comando geral, Fernandes Fão, e sobre os quais já tivemos a Associação dos Músicos Portugueses.

Depois do relato que nos foi feito e por onde se deduz que o sr. Fão dispõe de alta protecção dentro do quartel do Carmo, fica-se plenamente convencido de que na realidade isto é dúbio.

— Seria breve e concreto — diz-nos o sr. Gomes da Silva — ao saber o que pretendiam. Tenho aqui presente o seu jornal e com plena satisfação vejo que a imprensa se vai fazendo eco dum assunto que bem merece ser tratado com minucioso critério, para o público em geral o apreciar, pois que o Estado, e por consequência todos nós que o representamos, estamos sendo lesados. Deve perfeitamente saber que a banda de música do comando geral da G. N. R. tal como está, com 105 figuras, recebe da Fazenda Nacional, uns bons milhares de escudos anualmente, sem que daí para o público advinha qualquer proveito, pois não se dedica a ouvir.

— Mas a banda não tem tócano no quartel todos os sábados?

— Sim; mas que horas e para quem? Facilmente se depreende que nesses dias é muito principalmente à hora a que é hábito ouvir-se, o público vádio ou o burguês, que nada tem que fazer, ou de apreciar um bocadinho de música, porquanto aquele que trabalha e que, por consequente, tem as suas horas tomadas, é, não.

— Talvez isso esteja previsto pelos regulamentos militares...

— E muito possível e até certo ponto tolerável; porém, o que de modo algum é admissível, é que o capitão Fão abuse do seu posto, da sua situação e do seu valor artístico.

— Mas o que faz o maestro do comando geral para abusar do seu posto, como diz? Isso é uma acusação!

— Justamente. Eu acuso o sr. Fão de 1.º Defraudar a Fazenda Nacional, gastando a electricidade com os ensaios dos concertos do Teatro Politeama.

2.º Desfalcar os pobres músicos nos seus honorários.

3.º Oferecer-se às empresas teatrais com orquestras mais baratas indo assim contra o que está preestabelecido pela Associação de Classe dos Músicos Portugueses, no que diz respeito a preços.

Derivando agora, devo citar-lhe um exemplo irrisório: Recordo-se de quando o alferes Pimenta, da G. N. R., foi punido e transferido? Ora, a este oficial foi-lhe aplicada aquela pena pelo facto de, sem autorização superior, se ter permitido mandar sair das cavalarias do seu quartel uns tantos cavalos para um bando anunciador de uma corrida de touros ou coisa semelhante.

Comparemos agora: Qual é mais grave, é sair com dois ou tres cavalos, provavelmente sustentados pelos seus detentores, com o que o Estado muito naturalmente ainda lucrou, visto que os animais não fizeram despesa no quartel, ou gastar electricidade, propriedade do Estado, em benefício de particulares? Analise bem isto, meu carter, e avalie da gravidade dos factos que aponto.

— Tem razão. E agora diga-nos: não estará o sr. Fão, autorizado superiormente a fazer esses ensaios, gastando luz e o mais que preciso for?

— Isso é uma pergunta quase infantil, permissão-me o termo. Seria um duplo abuso para não lhe chamarmos outra coisa.

Nem o sr. ministro do Interior, nem o sr. comandante geral da G. N. R., poderiam autorizar uma despesa superflua. Então admitir-se-á que numa ocasião em que se clama, de extremo a extremo do país, compressão de despesas, redução de quadros, reformas de serviços, etc., as entidades superiores admitissem uma monstruosidade desta natureza? Não! Salvo se a G. N. R. é uma coisa independente do país.

Enfim, de tudo quanto acuso o sr. Fão, tenho quesitos formulados, e contra factos...

— Mais uma pergunta, apenas... «O Seculo da noite, segundo creio, já disse que a banda do maestro Fão se deve quase todo o desenvolvimento da arte no nosso país. Será assim?»

— Que singular fantasia! Mas como pode isso ser, se a banda só é ouvida no quartel, nas condições que já lhe disse? Isso foi tempo, e se os mortos falassem, ouviríamos as autorizadas impressões dos falecidos maestros Gaspar e Taborda, de salda memória, onde por certo muitos e muitos reparos haviam de ser feitos ao trabalho do sr. Fão e que bastante deveriam arrefecer a sua bem conhecida vaidade.

Despedimo-nos do sr. Gomes da Silva, agradecendo-lhe a gentileza com que nos recebeu.

E aqui tem os leitores como aquela grande banda do Comando Geral da G. N. R. (que não representa para o povo outra coisa senão um sorvedouro de dinheiro) é além disso um foco de imoralidades.

Mas se isto é deles.

Ainda a propósito da entrevista do dia 13 a respeito desta questão, recebemos a seguinte carta:

Presado amigo e camarada. — Ficaria incompleta, se não lhe acrescentasse mais os seguintes esclarecimentos que na ocasião me escaparam, a entrevista publicada em *A Batalha* do dia 13, a propósito dos prejuízos que o sr. Fernandes Fão, capitão chefe da banda da guarda republicana, está causando à classe musical com os seus actos incorrectos, sem respeito pela lei associativa, pelo decore que deve ao seu bom nome de artista e ainda pela sua situação como militar.

O sr. Fão, ao organizar uma orquestra mais barata para o Coliseu dos Recreios — plano que já meses antes tentara pôr em prática — teve em mira não só os seus interesses particulares, como também saciar o ranco que votava a alguns músicos que ali estavam tocando e a quem imediatamente despediu.

Antes da abertura de S. Carlos, o mesmo sr. Fão forcejou por desalojar os trompas que ali se acham empregados, indo oferecer à empresa outros, da sua banda, mais baratos. A razão principal, ou antes, única, deste seu procedimento, encontra-se na inimizade existente entre esse sr. e três dos citados artistas.

Estes factos, que se provarão quando for preciso, tem apenas um qualificativo: — perseguição.

Para rematar ainda um outro esclarecimento que não deixa de ser curioso: Há dias, em conversa com um crítico musical muito conhecido em Lisboa, disse o sr. Fão que, ao principal promotor desta campanha — aludindo à Associação e visando a minha pessoa — tinha medo de facilmente, reduzir ao silêncio.

Registei e fiquei à espera. Mas até hoje, felizmente, ainda tenho voz.

14-1-1922. — Amigo grato, — Alvaro Rafael de Macedo e Santos, presidente da direcção da A. C. M. P.

A arte e os artistas

A exposição do sr. Alberto Sousa no edificio histórico do Carmo

Mais uma vez, no edificio histórico do Carmo, o sr. Alberto Sousa expõe as suas aquarelas ao publico de Lisboa. A maneira de pintar é a mesma dos seus anteriores. Não lhe encontramos diferença, nem para melhor nem para pior. Pintura sobria, que vive essencialmente do desenho.

Desenho pintado. — Alberto Sousa é um desenhador quasi matematico. A sua retine não se engana e a mão segura interpreta com exatidão o que o olhar colhe.

A pintura de Alberto Sousa tomou um caracter utilitário. A obra do pintor vale mais como documento historico metoicamente elaborado do que como pintura. A sobriedade da pincelada, a modestia da cor, sem arrebatamentos, sem anseios frementes, nem desejos de abraçar o infinito, ou materializar sentimentos vagos, revelam a maneira de ser de Alberto Sousa. É um artista calmo, amigo de investigar, sentindo-se mais feliz em reconstituir, alindar um belo monumento, do que em assombrar o publico com obras bizarras, violentas, sentimentais ou... disparatadas.

Tudo quanto por esse país existe de monumental, de pedra sobre pedra que indique uma data, significa um feio grandioso ou constitui um documento da mais antiga e da mais recente humanidade. Não se trata de uma época o sr. Alberto Sousa reconhece, cuidadosamente, das suas telas, animando o publico de vida nas ruínas, animando os palácios, fazendo vibrar a atmosfera discreta das capelas ou das catedrais.

A mistificação eleitoral

Veem aí as eleições e já se sabe ao certo que elas se farão quasi sem eleitores. Em compensação aumentou extraordinariamente o numero dos que pretendem ser eleitos. Escasseiam as probabilidades de salvar isto e aumenta o numero dos que se arvoram em salvadores para deitar tudo isto a perder.

Quando dizemos que isto se perde, queremos unicamente afirmar que a situação é boa para os que sugam o nosso trabalho e «patrioticamente» se dedicam a cercar as probabilidades resumidas que possuímos de continuar vivendo. Poucos, raros são aqueles que estão dispostos a votar em onze anos de desordem e menos numerosos ainda os que querem votar nos partidos dum passado definitivamente morto. A politica cada vez simboliza mais um estomago e à medida que os politicos se vão tornando quasi exclusivamente sacos digestivos o numero dos partidos cresce, o numero dos partidos que se fracionam, que se quebram numa ninhada de partidos sem paridade aumenta quasi semanalmente.

Já as várias revoluções sem objectivo nem ideal, o deixaram anteveo a estas eleições veem uma vez mais corroborá-lo. A medida que elas se aproximam, vão surgindo as dissensões. Cada circulo eleitoral está rodeado por um apertado circulo de ambiciosos. São os lobos com cubia do mando, com fome de dinheiro que dessem ao povoado... despojado-dissimo das urnas.

Para os eleitores, cada vez mais raros e porisso cada vez mais preciosos, que ainda estão imbuidos da sua função democrática de eleger os seus exploradores, as eleições próximas consituem um problema tam complicado, de tam difficil resolução, que muitos deles só encontrarão um meio de se libertar dele: — desistindo de votar.

Em que idea deve votar o eleitor se os candidatos que se apresentam, longe de incarnarem uma idea, incarnam meramente as suas aspirações individuais? Hoje, muitos dos que querem ser eleitos tem o seguinte raciocinio: ou tomo de ser martelo ou bigorna. E optam por ser martelo esperando que as urnas lhes garantam uma situação que o trabalho lhes nega. E assim, vemos entre os

C. L.

Página estroliada

Acusação tóla

Nada é mais perigoso do que um grande pensamento num pequeno cérebro. Há dias, em conversa com um crítico musical muito conhecido em Lisboa, disse o sr. Fão que, ao principal promotor desta campanha — aludindo à Associação e visando a minha pessoa — tinha medo de facilmente, reduzir ao silêncio.

Registei e fiquei à espera. Mas até hoje, felizmente, ainda tenho voz.

14-1-1922. — Amigo grato, — Alvaro Rafael de Macedo e Santos, presidente da direcção da A. C. M. P.

S. Sighele

vez de admitirem que ela é tal na realidade. — Ah! senhor, — dizia, em 1850, Bayle, que se occupava deste mesmo assunto no ponto de vista literário, — um livro é um espelho que se coloca diante de uma grande estrada. Ora reflecte o azul do céu, ora a imundície do lodçal da estrada. E o homem que tras o espelho no seu ceto poderá ser acusado de imoral? O seu espelho mostra a imundície e acusa a este de imoral? Acusam antes a estrada onde está o lodçal, e mais ainda o inspector da estrada que deixa estagnar a água e formar-se o lodçal.

Não repetamos, portanto, a tóla acusação que se faz áqueles que levantam o véu das numerosas injustiças sociais. Eles não fazem senão constatar a verdade, e se é dolorosa quem tem a culpa? Skendhal, disse-o, claramente: «Acusam a estrada e mais ainda o inspector das estradas».

— O telegrama não diz — não diz — Uma baia o apaucho. Sem o maior, por um tria!

— Por bem fazer mal, há, — E bem certo está, — Como é certo se disser: «Quand'ouvi eu o bocado Pra quem o dove comos».

— Mas porque Deus assim quis? — O Salomão o mandou — O telegrama não diz — não diz — Uma baia o apaucho. Sem o maior, por um tria!

— Por bem fazer mal, há, — E bem certo está, — Como é certo se disser: «Quand'ouvi eu o bocado Pra quem o dove comos».

candidatos médicos sem doentes, advogados sem clientela, engenheiros sem emprego e homens sem profissão, homens que nem chegam a ser revolucionários civis, aprovados pelo parlamento.

É certo que os politicos, em todos os tempos quando falam no interesses colectivo, pensam nos seus próprios interesses, mas faziam-no com certa astúcia, com certa habilidade, muita retórica enfática, indumentária apropriada, cabeleira romântica e gesto meticulosamente estudado e expunham ideias que não sentiam nem tinham, com um ar profundamente convicto.

Mas os de hoje, são tam pequeninos, tam miseráveis, apresentam tam mal as suas mentiras, representam tam mal o seu papel, que o povo sorri indifferente, e longo de os acreditar deixam-se esbracejar inutilmente nas suas sessões eleitorais.

Para que votar? Se o parlamento cai rapidamente com estardalhaço diante de meia dúzia de tiros revolucionários!

Para que votar? Se eles vão para o parlamento, zaragatar, esmurçar-se mutuamente, degladiar-se por motivos reles! Nenhum eleitor pode amar um parlamento onde se disputa como numa taberna de bairro excentrico, num parlamento que se dizem palavras que ninguém ousa pronunciar no seu lar, que nenhum jornalista ousa archivar no seu jornal.

Não vale a pena, neste país onde a politica se alimenta da podridão e os politicos se alimentam do nosso trabalho, afirmar a sério que o parlamento é uma burla, que o voto é a abdicção da vontade, é a anulação da intelligência.

Essa critica é já hoje inoportuna. Raros são os que votam convencidos que votam nalguma coisa e que não saibam que um nome de candidato é o rótulo dum estomago para se não confundir com outro estomago.

Hoje só votarão além da meia dúzia a quem a politica egeu e aniquilou o raciocinio, os que por interesses de casta precisam por meio do constitucionalismo republicano manter o seu predomínio.

Quanto às classes trabalhadoras já os politicos sabem que para elas a urnas tem um valor nulo.

C. L.

Revulsivos

Em Angola do Heróismo, no Paulo episcopal, O bispo, com alarismo, Salvou um seu servico De percer um bispo.

O homem, a não ser isso, Por loucura ou cobardia Ou lhe custar o serviço, Já no bota se mista.

Para a filha do Sintoio.

Dom Manuel da Costa, entile, Do cno concededor, Por ser um bispo cristão, Aguardo um deservico, Trouxe a arma de mato.

Mas porque Deus assim quis? — O Salomão o mandou — O telegrama não diz — não diz — Uma baia o apaucho. Sem o maior, por um tria!

— Por bem fazer mal, há, — E bem certo está, — Como é certo se disser: «Quand'ouvi eu o bocado Pra quem o dove comos».

SINDICATO FERROVIÁRIO

UMA CONFERENCIA

Comemorando o 10.º aniversário eleito este sindicato no domingo último, uma sessão solene, onde falaram vários camaradas representando os seguintes organismos: U. S. O., Federação Metalúrgica, Correios e Telégrafos, S. Metalúrgico, Empregados de Escritório, Ferrovários do Sul e Sueste, e da Sociedade Estoril, R. C. C. e P. e P. e P., Federação do Livro e do Jornal, Empregados de Fotografia e as delegações do Sindicato Ferroviário de Alfaiates, Ovar e Gaia, Sindicatos dos Arsenistas do Exército e Marinha. A sessão foi abençoada pela Tuna Tondelense.

A noite realizou-se uma interessante conferência, o camarada Manuel Joaquim de Sousa sobre o momento que passa.

O orador começa por dizer que vai fazer uma pequena palestra, visto que não pode desenvolver um tema porque o mesmo demandaria um certo espaço, uma preparação antecipada.

Essa foi a primeira vez que os ferroviários da C. P. têm, tanto para eles, como para a restante classe operária, uma particular importância, porque se encontram numa situação especialíssima devido principalmente à sua falta de solidariedade que tem mal os bem colocados perante a organização operária e perante a companhia que os explora.

O que nos dá a força é a fraternidade e a verdade que deve presidir à crítica dos nossos actos e é essa verdade que o orador sempre procurará dizer.

A moral da organização operária não pode ser igual à moral da organização burguesa.

Esta triplicidade de direito e sofisma a verdade; aquela deverá ter por base a emancipação da classe trabalhadora.

Dentro da nossa intelectualidade e dos princípios que defendemos não podemos proceder de igual forma.

O homem tem por hábito analisar somente o que o houve no momento anterior. O homem está preso à vida, da família, do sindicato, da classe, das lutas que o mesmo sustenta com o patrão.

Não podemos observar todos os fenómenos nem faremos por isso, e por consequência não tiramos uma conclusão clara e segura do que se passa.

A classe burguesa assenta nos privilégios da autoridade e propriedade. Ela é a lei, o tribunal, o advogado que finge defender, é a polícia, a guarda republicana, ministros, etc., que constituem o que se convencionou chamar o Estado.

A lei, filha desse Estado, é imposta por aqueles que possuem contra aqueles que nada têm.

A lei defende o privilégio da burguesia por intermédio do Estado.

O Estado existe para defender a propriedade.

A burguesia tem os seus interesses sustentados pela lei, os seus interesses, a absorção do campo, máquinas e todos os restantes instrumentos de produção em detrimento da coletividade.

A moral da burguesia é a conquista contínua. Assim os Estados mais fortes desejam conquistar os estados mais fracos, como o mercador deseja conquistar o seu vizinho que lhe faz concorrência.

E assim surge a guerra pela rivalidade entre os grandes estados, pelas suas lutas ambíguas.

Da guerra vem o correspondente desigualdade económica e a maior miséria.

A moral actual do regime burguês é o resultado do desigualdade económica: exploração.

Todos procuram negociar e até há operários que o fazem também.

O mal do regime burguês não reside só entre si, estende-se aos operários que sofrem do mesmo erro, que se perdem no mesmo ambiente.

O mesmo fenómeno que se observa entre a classe burguesa — a ambição — desceu aos trabalhadores. É um mal que contaminou os operários. A burguesia teve o poder de estender a corrupção à classe sua natural inimiga.

As classes operárias que negociam fazem-nos mais mal do que faz a burguesia. A maior força da burguesia não reside no exército, nas armas, no padre, no político, mas sim nos erros que os trabalhadores cometem. Temos que nos queixar do burguês, mas não podemos deixar de verberar o procedimento do camarada que não cumpre o seu dever.

«Cada um governa-se!» Deverá ser essa a moral da organização operária? Não pode ser.

Se cada um dos trabalhadores procede de se da mesma forma que procede o burguês, não tinhamos razão para nos queixarmos.

Havia simplesmente a rivalidade, a luta natural, a luta despresível.

A organização tem que se impor por uma moral mais elevada que a moral burguesa.

A organização operária, adoptando o sistema de luta de classes, marca a acção do famélico, dos sem camisa, contra os privilegiados.

Mas não marca só por isso. A moral da organização assenta numa base de justiça, e essa é a sua beleza máxima. É o que impõe a classe trabalhadora contra a burguesia.

«Não fosse isso não poderíamos impor a igualdade. Queremos a verdadeira igualdade tal qual deve ser sentida e não a dos franceses de 1890. Queremos a igualdade de direitos dentro da igualdade de condições. Queremos a igualdade porque não há homem nenhum que deva prejudicar o seu semelhante.

Queremos a terra de todos e de ninguém. Queremos que os instrumentos de trabalho sejam de todos — para que todos produzam.

Queremos a fábrica para os operários porque a construíram e os respectivos produtos distribuídos de conformidade com as necessidades de cada um. Queremos a igualdade como o tratamento alavel entre todos os homens.

O homem entende-se pela palavra e assim pode estabelecer um acordo com o seu semelhante.

Não há o direito portanto de um homem fazer uma lei para ser cumprida por outro. Um homem não deve aceitar a imposição dum lei doutro homem.

Estabelecido o acordo entre os homens está estabelecida a Fraternidade. O patrão precisa de operários, e paga-

lhes por X. O operário aceita pela força das circunstâncias, baseada na ignorância dos trabalhadores e na sua falta de solidariedade.

Como é que a Companhia Portuguesa seria capaz de vencer os ferroviários da C. P. se eles tivessem estabelecido entre si, fortes laços de solidariedade? Em vez de se degradingarem, em vez de invejarem a situação superior doutrem ou o seu maior ganho, deviam unificar-se e desta forma a Companhia não os venceria.

Na classe da C. P. impera a moral burguesa sem que os que a praticam deem por isso. Há várias maneiras de estabelecer a desunião da classe, desenvolvendo a intriga, a ambição, etc.

Generalmente as classes nunca se revoltam contra o seu verdadeiro inimigo, antes pelo contrário, é fácil verificar-se a desconfiança e a desunião entre elas, isto quasi sempre habilmente preparado pelos patrões.

O orador aproveita a ocasião para dizer que não é impudicamente que se tem afirmado que a classe operária remodelará o presente. Mas é necessário saber de que forma; é necessário saber destruir o regime burguês.

Para uns somente a destruição é o suficiente; para outros conquanto concordem com a destruição indispensável, o trabalho de construção é o seu principal objectivo.

Construir dentro da organização é destruir a força burguesa.

O trabalho é representado pelo Sindicato e pela aquisição dos instrumentos de trabalho, pela produção.

É necessário, porém, para se fazer um trabalho útil que os respectivos sindicatos tenham a devida consciência, a necessária solidariedade.

Não é o número de sócios dum associação que prova o desenvolvimento da mesma.

O orador analisa, depois se ao número de sócios das diferentes associações ferroviárias, corresponde o referido desenvolvimento, deduzindo o contrário.

Com os ferroviários da C. P. sucede o seguinte facto: Não querem saber da restante classe operária, da C. G. T. e até da restante classe ferroviária. Ali está a sua falta de espírito de solidariedade.

Está prestes a constituir-se a Federação Ferroviária, pois o orador tem a certeza de que quando a muitos ferroviários apresentarem a caderneta da C. G. T., onde aquela decerto há de ingressar, eles barulharam e até quando se deixaram de ser sindicalistas.

Não observam que o patrão, o burguês, procede ao contrário e por isso tem força.

Quem não se prepara na paz não pode ter força para a guerra.

A Alemanha venceu a guerra se não fosse o cansaço e a revolta dos próprios militares e a revolta do Oriente. É porque ela se tinha preparado na paz.

A propósito diz que aparentemente é que ela foi vencida.

Todos querem que ela pague, mas no final sempre vão transigindo a ponto dela nada pagar.

Se a Alemanha perdeu as suas máquinas e alguns dos seus territórios não ficou, porém, com o seu país danificado como outros e economicamente está salva.

Ora se todos os estados burgueses se defendem e preparam como não há de os ferroviários portugueses também organizarem-se?

A futura Federação terá acção e força, se forte for a consciência da classe.

Temos o hábito de encarmos os organismos como se encara o Estado. Queremos exigir aos camaradas que estão à frente dos organismos, o que se exige aos ministros e isto tem de acabar.

Amanhã os Sindicatos esperam que a Federação tudo faça e desmoralizem-se. É isso que é preciso evitar. Em regra pretendemos que a organização operária seja o mesmo que o Estado. Esquecemo-nos que não podemos agir assim.

Se a Federação ferroviária se criar para se observar este facto, então não a formem; porque, mal ou bem, com alguma acção, os sindicatos vão vivendo. Temos que fazer por nossas mãos o que a nós dá respeito e não continuarmos como até aqui vítimas da educação fradesca e religiosa, acreditando na vinda dum Messias ou dum Deus para salvar isto.

O conferente termina demonstrando que só com uma forte união, filia por sua vez dum forte consciência, poderemos vencer.

No final foi muito ovacionado.

Trabalhadores: A NOVELA VERMELHA

Universidade Popular Portuguesa

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, na sede desta instituição, Rua Particular Almeida e Sousa, mais uma conferência sobre «As questões morais e sociais na literatura» pelo sr. dr. Câmara Reis.

«Generalidades de cirurgia locomotora»

Amanhã, pelas 22 horas, deve realizar-se no hospital de S. José, antiga enfermaria particular, uma conferência sobre o tema de «Generalidades de cirurgia locomotora», sendo conferente o dr. sr. A. H. Bizarro.

O director geral dos hospitais, dr. Amor de Melo, mandou expedir convites a todos os facultativos hospitalares.

SEARA * A NOVA

JÁ SE ENCONTRA

A VENDA O N.º 6

PREÇO 150-PELO CORREIO 155

COMUNICAÇÕES

Sindicato Unico Metalúrgico. Em 12 de Janeiro reuniu otem extraordinariamente a assembleia geral deste organismo, requerida por 19 sócios, no gozo dos seus direitos, para se resolver sobre a necessidade da nomeação dos corpos administrativos e assuntos de ordem interna que representavam interesses imediatos do Sindicato.

Iniciou-se a discussão sobre a justificação do requerimento convocatório e ordem de trabalhos.

Zacarias Pinho expõe que em virtude do acidente que vitimou alguns camaradas jovens que tinham sido nomeados para constituir os corpos directivos, ficou assim desmembrada a comissão administrativa, razão que motivou a realização desta assembleia, que se hade manifestar.

Por motivo de alguns apêntes exaltam-se os ânimos, tendo-se que suspender a sessão por alguns minutos.

Reaberta a sessão, debate-se com calor o assunto, lamentando-se o conflito que originou a suspensão da sessão.

O camarada Júlio de Matos é de opinião que se recomponha a comissão administrativa, razão porque assinou o requerimento. Lamenta o não ter sido publicado o extracto da sessão transacta, o que julga uma falta.

Lamenta também o desastre que vitimou os jovens que são credores de toda a solidariedade. Exprobra o procedimento do camarada António Vaca, por este ter melindrado com palavras a sua dignidade de homem, exigindo que aciete a sua afirmação perante a colectividade, apresentando nesse sentido a seguinte declaração:

«Declaro que enquanto o camarada António Vaca não demonstrar a razão porque me julga menos sério do que ele, no que me encontro ofendido na minha dignidade, não volto a representar a organização metalúrgica seja onde for, pois que não voltarei a reunir-nos na Federação nem na C. G. T., visto que me julgo suspeito em quanto esse camarada não definir as nossas situações».

Esta declaração, depois de apreciada, baixou à comissão administrativa, que apresentará à próxima assembleia geral.

Raúl Baptista discorda desta assembleia para o assunto que foi convocada e acha tal atitude anti-sindicalista. Assacando a responsabilidade da falta do extracto da sessão anterior à respectiva mesa, faz várias considerações sobre o assunto em debate.

João de Sousa justifica a falta da mesa no respeitante ao extracto, ficando esta libada de culpa perante a assembleia. Diz ter assinado o requerimento muito conscientemente, e afirma não haver neste momento corrente da parte dos requerentes, pois não se trata de comunistas, sindicalistas ou anarquistas, mas sim, do efeito moral que produz uma comissão administrativa composta de jovens. Não é porque não conhece a boa intenção desses camaradas, mas o meio em que vivemos é o que é, e não o que devia ser, pois quando ao analisar-se com algumas entidades, como se julga recebida essa comissão e que julgaríamos da classe, concordando com a nomeação de ambas as partes, para evitar abusos e ver prosperar o sindicato.

Zacarias Pinho está em desacordo com o camarada Raúl Baptista, declarando não ter intimizados os camaradas nomeados, mas no entanto não cai bem uma comissão administrativa composta de jovens, ficando contristado com o facto e que assinou muito conscientemente.

Armindo Martins é de opinião ter sido uma cobardia ter-se aprovado uma lista com a qual se estava em desacordo com todas as excepções, e não assinou o requerimento por entender que esta assembleia devia ser convocada pela comissão administrativa para a sua recomposição. Declara não ser jovem e não pretender defender o cargo de secretário geral o que não implica que não dê o seu esforço em prol da organização.

Francisco Viana, sobre o extracto, acha que a responsabilidade cabe à comissão administrativa e justifica as suas palavras, discordando do camarada Raúl Baptista e é de opinião pela recomposição da comissão administrativa.

Em seguida é aprovada a proposta do camarada Júlio de Matos com os nomes dos camaradas que preenchem as vagas da nova comissão administrativa que fica constituída pelos seguintes camaradas:

Armindo Martins, secretário geral; Joel Joaquim Pontes, secretário adjunto; Gabriel das Neves, secretário administrativo; António Serrão, tesoureiro; Adriano Correia, arquivista; Manuel Roque e Rogério de Carvalho, vogais.

O camarada Raúl Baptista alvitra que a assembleia se manifeste contra as notícias cavilosas e torpes da imprensa burguesa, que caluniei a organização operária, chamando assassinos aos infelizes jovens que foram vítimas da explosão, bem como a determinados organismos que em termos menos justos se manifestaram sobre os mesmos, sendo aprovado pela assembleia.

Encerrou-se a sessão às 23.50 horas.

Condutores de carroças. Reuniram-se a seguinte moção:

«Considerando que a discordância entre a família trabalhadora provem da péssima educação ministrada por alguns camaradas que se julgam propagandistas do movimento operário;

Considerando que o secretário geral da C. G. T. tem sido vítima da mais torpe e vil calúnia por parte de militantes oportunistas que se servem de todos os meios para o inutilizarem;

A Associação de Classe de Condutores de Carroças, hoje reunida, resolve:

1.º - Protestar energicamente contra a propaganda levada a efeito por criaturas sem escrúpulos;

2.º - Saudar Manuel Joaquim de Sousa e oferecer-lhe todo o seu apoio moral e a confiança que tem justos;

Manipuladores de Pão. Na reunião há dias realizada, resolveram protestar contra a nova licença imposta pela Câmara Municipal, bem como contra as multas de 24 escudos, que lhes impõe o último decreto sobre panificação.

No decorrer da sessão foi debatida a questão do salário se o grave problema dos desempregados, resolvendo-se convocar a classe por áreas, afim de elucidar bem sobre todos estes assuntos e ao mesmo tempo difundir os princípios sindicais como meio de luta. Estas sessões serão ao mesmo tempo preparatórios de um comício público, que se realiza no dia 29 do corrente mês.

CONVOCAÇÕES

Federação do Calçado Couros e Peles. Reúne hoje a comissão administrativa, pelas 21 horas.

Pessoal das Oficinas do T. M. E. Reúne hoje a assembleia geral, na sede do Sindicato Unico Metalúrgico, às 17.30 horas.

Empregados de fotografia. Reunem hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral para continuação dos trabalhos pendentes da reunião anterior: apreciação do relatório e contas da comissão administrativa e eleições deste ano; apreciação da crise que atravessa a indústria e da situação económica do país; discussão duma proposta para a dissolução do sindicato.

Em virtude da importância dos assuntos a debater, torna-se necessária a comparecência de todos os associados.

Ferrovários da Sociedade Estoril. Reunem hoje, em assembleia geral, pelas 21 horas, na sede do Sindicato Ferroviário da C. P., devendo ser tratados assuntos de grande importância.

Desembarregadores de Mar e Terra de Almada. Reúne hoje, às 19 horas, em assembleia geral para eleição de corpos gerentes e apreciar assuntos de interesse para a classe.

Calçadores de Lisboa. Reúne hoje, pelas 30.30 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º - Apreciar e resolver o incidente com a «Lisbona Verde Selo»;

2.º - Nomear o delegado da associação junto do Conselho Geral (Zona Sul) da Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio;

3.º - Eleger os corpos gerentes para o exercício de 1922;

4.º - Nomear os delegados, efectivos e adjuntos, à U. S. O.;

5.º - Discutir e votar o relatório dos delegados ao VII congresso da classe;

6.º - Discutir e votar o relatório e contas da Direcção de 1921.

Sindicato Unico Mobilário. Comissão Administrativa. Para apreciar vários assuntos de grande importância e o movimento dos fabricantes de artigos de viagem, reúne amanhã, pelas 20 horas, a assembleia geral deste organismo.

Sindicato Unico da Construção Civil. Conselho Administrativo. Convidam-se os componentes do Sindicato a reunirem hoje pelas 20 horas, em assembleia geral, afim de darem andamento à seguinte ordem de trabalhos:

Nomeação duma comissão para rever as contas do 4.º e último trimestre do transito ano e o mapa geral da receita e despesa do 2.º semestre.

Além da ordem de trabalhos há a tratar outros assuntos de grande interesse para a organização.

Secção Profissional dos Cantoneiros e Polidores de Mármore. Reúne amanhã, pelas 20 horas, a assembleia geral desta secção, a fim de se proceder à nomeação dos camaradas que hão de ocupar as diferentes cargos para o corrente ano.

Secção Profissional do Alho do Pina. É convidada a reunir hoje, sem falta, a comissão revisora de contas nomeada na última assembleia.

Secção Profissional de Serradores. Convidam-se a comissão profissional, transacta, a reunir amanhã, às 20 horas, juntamente com a actual comissão profissional.

Camarada fixa bem. Para comprares calçado precisas duma casa que te sirva honestamente? Pois não hesites, procura o

PAVILHÃO AMERICANO
R. Marquês do Alegrete, 77

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. Secção da Construção Civil. Convidam-se a reunir hoje, pelas 20 horas, todos os jovens sindicalistas da Secção da Construção Civil que se interessam pela sua reorganização.

havendo outros assuntos importantes a tratar pede-se a comparecência de todos.

Comissão de propaganda. Reúne hoje esta comissão, pelas 20 horas.

Da comparecência de todos os membros dependem importantes assuntos de propaganda pendentes.

C. D. S. Pede-se a todos os camaradas que deem livrete em seu poder para o liquidarem o mais depressa possível, para se fazer a distribuição da nova serie.

Rendimentos dos operários

Quando anteontem a bordo do vapor «Irene» onde trabalha como fogoeiro preparava um gazómetro de acilene, foi vítima dum explosão, ficando muito queimado nas mãos e rosto, Francisco dos Santos, de 32 anos, natural de Torres Vedras e residente na rua de São Sebastião da Pedreira, 41, r/c, pelo que recebeu curativo no Banco do Hospital de São José.

No ocasião em que se deu o desastre, o vapor «Irene» rebocava o vapor «Gil-Enes» que momentos antes e em virtude do vendaval tinha pedido socorro.

Na sala de observações do Banco do Hospital de São José, faleceu ontem Manuel Peres, de 35 anos, pedreiro, e residente em Vila-Velha de Rodam, aquele trabalhador que ali, conforme noticiámos, foi colhido por um sobeiro, quando procedia à sua sacção.

COLISEU DOS RECREIOS Tel. C. 4196
HOJE - A's 20,45 (8.34) - HOJE
As mais extraordinárias novidades e atracções pela
GRANDE COMPANHIA DE CIRCO
O número de grande sucesso mundial
Visões de arte equestre, criação das notabilíssimas e aplaudidas artistas
tornando também parte a encantadora criança e dislucida dançarina
AS NIMPHAS
Irmas Carre
Mizzi Carré

A festa de Lucinda Simões
Todos quantos já muito aprenderam a venerar o nome de Lucinda Simões e lhe puderam apreciar as extraordinárias faculdades de artista dramática de eleição, se dão esta noite rendez-vous no teatro Politeama, onde se efectua a festa da eminente artista.
É uma homenagem devida a quem durante uma longa vida de arte sempre a soube honrar.
O espectáculo é soberbo e dispensa encomios, devendo dizer-se que pouquíssimos são os bilhetes que ainda se encontram à venda. Em recita extraordinária representa-se pela primeira vez a peça em 1 acto, de A. Dumas, «Uma visita de casamento»; a distinta e novel actriz Brunilde J. Caruson recita a poesia de Campozamor Si yu supiera escribir e também pela 1.ª vez sobe à scena a peça em 2 actos, de J. Caverney, «Idílio de velhos», em tradução de Mario Duarte e Alberto de Moraes.

Noticias
É o seguinte o programa do espectáculo de hoje, no Nacional, em recita de gala, comemorativa do tricentário de Molière, com a assistência do sr. presidente da República, ministério, corpo diplomático, Câmara Municipal, comandante da divisão e demais representantes oficiais:

Molière, versos de Gustavo Sequeira, por Eduardo Brazão; Algumas palavras, por Mr. Paul Pompey, em nome da Sociedade de Actores Dramáticos Franceses; Leitura de trechos de Molière, por Eduardo Brazão e José Ricardo; Conferência por André Bruy; 1.º acto da comédia O Burguês Fidalgo, por Joaquim Costa, Rafael Marques, Luís Pinto, Jorge Grave, Augusto de Melo, Leopoldo Teixeira Soares e 3.º acto da comédia As Sabichosas, por Maria Pia, Ilda Stichini, Acadia Reis, Maria Sampaio, Augusto de Melo e Leopoldo; 3.º acto da comédia O edico à força, por Cremilda de Oliveira, Chaby Pinheiro, Luziana Sayal, Carlos Abreu, Santos Melo, Jorge Gentil e R. de Almeida.

É amanhã, que no Teatro Apolo fazem a sua primeira festa o modesto mas estudioso e apreciado actor Alberto Silva e a inteligente e prometedora discipula Cesária Henriques, que bem merecem a simpatia do publico. Também os bilhetes para as recitas especiais de Vila Nova e João Santos continuam tendo grande procura.

Reclames
Hoje, no S. Carlos, repete-se em 16.ª recita ordinária a bela ópera de M. Massenet, «Thais», que dirigida pelo maestro Blanch e cantada pelo primeiro soprano da Ópera de Paris, Mireille Berton, pelo baritonio Formich, tenor Prati e baixo Griff nos principais papeis alcançou na estreia um apêço raríssimo, chamando ao teatro uma das maiores concorrencias da temporada.

Amanhã, sob a direcção de Gui, real-

Desportos
Futebol
Realizaram-se no passado domingo em Benfica os dois annuados encontros. No primeiro o Sporting saiu vencedor do Internacional por 2 a 0. No segundo o Sport Lisboa e Benfica fez derrotado pelo Imperio por 2 a 1. O Benfica ressentindo-se talvez da sua recente viagem a Espanha não fez bom jogo sendo por isso justificada a derrota que sofreu do Imperio, derrota que o impediu de ir à final. O publico no seu entusiasmo clubista comportou-se grosseiramente, destacando-se a forma violenta como injustamente se insultou alguns homens do Sporting. Para o seu enervamento contribuiu também a péssima arbitragem do 2.º desafio, confiada a Rosmaninho, que prejudicou razoavelmente o Imperio.

Arruda dos Vinhos
Também em Arruda dos Vinhos o vendaval fez abater a chaminé de um prédio a qual foi cair sobre o telhado do estabelecimento do sr. Feliciano Mendonça, fazendo com que este abatesse também e fosse colhar uma filha do sr. Mendonça de nome Aida Mendonça, de 24 anos, solteira.

Pedidos os socorros a Lisboa, seguiu para ali um automóvel da Cruz Vermelha com o sargento Peixoto, que transportou a infeliz para o hospital de S. José, onde o cirurgião de serviço dr. sr. Azevedo Gomes e o dr. Fernando Simões verificaram que ela apresentava dois profundos ferimentos numa perna. Depois de devidamente operada pelos referidos cirurgiões recolheu à sala de observações.

Vida politica
A Solidariedade Comunista (Caixa Auxiliadora). Para se organizar definitivamente reunem na próxima sexta-feira, 20 do corrente, todos os seus componentes inscritos. Graças a este acto os camaradas que concordam com a organização duma caixa para auxilio dos filiales no Partido ou Juventudes Comunistas.

Partido Comunista. Reunem hoje os corpos directivos a fim de entre outros assuntos de importância partidária, apreciar varias questões de cara ter internacional que interessam a propaganda do comunismo em diversos paizes.

Será também tratado um alvitre apresentado por alguns filiales tendente a um maior desenvolvimento da organização comunista em Portugal.

A reunião effectua-se pelas 20 horas, na sede social.

Trabalhadores: Lede e propagad

A BATALHA

TEATRO SÃO LUIS
Companhia ARMANDO VASCONCELOS
que faz parte da
AUSENDO DOLIVEIRA
TODAS AS NOITES
Ainda opera em 5 actos,
de costumes brasileiros, original de
J. José Paulo da Câmara
e Lina d'Oliveira, musica de
Filipe Duarte

A MOREINHA

Encantadora musica - Brilhante
encenação - Cenários deslumbrantes - Luxuoso guarda-roupa

Compras

Libra cheque	624000	6400
Paris	14055	1405
Italia	14055	1405
Belgica	14055	1405
Suica	14055	1405
Espanha	14055	1405
Berlin	14055	1405
Holanda	14055	1405
New-York	14055	1405

Associação de Socorros Mutuos
«Liberdade Mutual»
Rua Diário de Noticias, 134, 1.º
Reúne em 2.ª convocação, a assembleia geral desta associação, na dia 21 do corrente, pelas 20 horas, para eleição dos corpos gerentes para o corrente anno. Reúne com qualquer numero de sócios presentes. - Lisboa, 17 de Janeiro de 1922. - O presidente, G. Costa Gomes

CLÍNICA DENTÁRIA
PARA AS CLASSES POBRES
(Preços de Policlínica)
Consultas das 10 às 12
MÁRIO MACHADO
Da Escola Dentária de Paris
R. Garrett, 74, 1.º - Telef. C. 41

Gama
Grande variedade
de Bilhetes, fracções e cautelas para todas as
LOTERIAS
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais \$15 para registar
Fornecer para revender
TELEPHONE 1.020 CENTRAL
PEDIDO A
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51-Lisboa

Damião & C.
Especialidades em fatos,
vestidos e chapens para
viagens

57, Rua Garrett, 59
LISBOA
Telefone 2940

A. MACHADO

CANÇÕES SOCIAIS
Preço, \$05 - Pelo correio, \$8
Pedidos acompanhados da respectiva portancia a administração de A Batalha

"A BATALHA" NO BAIRRO DE ALFAMA

O povo de Alfama deve ver na "Batalha" o seu legítimo defensor

Os habitantes de Alfama vivem nas mais horribéis condições de higiene. Urge que este mal se remedeie.

A HIGIENE POPULAR

A BATALHA chama a atenção do operariado, e dos habitantes de Alfama em especial, para o que o sr. Carlos Gomes nos diz do asseio nos países do Norte da Europa

Inúmeras são as pessoas que nos fazem a intenção altamente moralizadora de que a Batalha tem posto em todos os seus artigos e reportagens acerca do pitoresco bairro de Alfama. De entre todas as opiniões que tal campanha provoca uma há a registar pela competência da pessoa que a deu.

Foi o sr. Carlos de Sousa que ouviu essa opinião, ou, melhor, essa série de opiniões interessantíssimas que a nossa campanha suscitou.

O sr. Carlos de Sousa tem passado uma boa parte da sua vida no estrangeiro. A Alemanha, a Suécia, a Dinamarca não lhe são desconhecidas. Tem estado em contacto com povos que possuem um grau de civilização muito superior ao dos povos meridionais.

Não se limitou ao nosso entrevistado viajar por mero prazer, soube ver, soube estudar os costumes admiráveis desses povos que visitou. Higienista, professor de educação física, foram os assuntos de higiene que o apaixonaram. Quando lhe falámos de Alfama, o sr. Carlos de Sousa teve um sorriso triste, um sorriso de descrença. O nosso entrevistado vem assistindo com profunda tristeza ao desmoronar de tudo isto, a deterioração cada vez mais assustadora em que o país se afunda.

ma que os dejetos, pela acção do fogo carbonizam-se e saem pelo chimo reduzidos a fumaça, a pó que não exala mau cheiro, que não incomoda ninguém.

— E o abastecimento de água, que nos diz o abastecimento de água?

— A abundância de água numa casa é uma garantia de higiene. Para lhe fornecer um exemplo de bom abastecimento de água não preciso citar-lhe os escandinavos, cito-lhe os brasileiros com quem temos mais afinidades.

— No Rio de Janeiro, todas as casas são obrigadas a ter chuveiro e antecolmo. A casa mais modesta possui autoclismo; as canalizações são feitas de maneira que os ratos não tenham entrada, o que evita uma infinidade de doenças. Isto é que era preciso dizer-se para habitar o povo a ter um ideal de higiene e de educação física e social. Seria necessário fazer-se conferências neste sentido; dizer-se estas coisas aos nossos operários. Eu falo desassombradamente, muitos dos nossos operários merecem ser gratificados com violências, porque vivem como animais, e a pobreza não pode excluir a limpeza.

— O nosso operário em geral?

— Sim, o nosso operário em geral! O nosso operário reclama apenas para comer, esquece o conforto do lar, o vestir, o calçar.

— Este alheamento dum vida superior, confluente ao nosso entrevistado, é consequência de inúmeras causas. A falta de instrução (na Escandinávia não

as utopias que se devem pregar porque mais tarde ou mais cedo elas tornam-se realidades

— Sabe qual o remédio que eu recomendava para Alfama? O fogo! Deixar tudo aquilo, aproveitar os bairros sociais, limpos, alegres e higiênicos para alojar os seus moradores. Se fosse necessário, à guisa do que se fez em França, mandar construir duas, três mil casas em madeira, com todas as condições de higiene para alojar provisoriamente os moradores de Alfama.

— Bela utopia...

— Mas são as utopias que se devem pregar, que elas mais tarde ou mais cedo se tornarão realidades.

— E se pouco a pouco se introduzirem em Alfama novos hábitos, esclarecendo a maioria dos seus moradores, mostrando-lhes exemplos do que se faz lá fora, de forma a criar um ideal mais elevado, de maneira que fossem os próprios moradores de Alfama a sentir grandes necessidades de higiene, de conforto, etc.?

— Este seria o sistema mais prático? — respondeu o nosso entrevistado. — Se houvesse alguém, por exemplo, que descesse a essa boa gente o que o povo de Alfama precisava, talvez uma boa consciência se formasse.

— Ou, meu caro, seria bom que se descesse aos habitantes de Alfama, desarrabaldos, homens do mar, rudes trabalhadores, que é raro o pescador da Noruega que não tem piano em casa.

— Piano? — fizeram-nos, admirados.

— Sim, piano, instrumento que, entre nós, há muitos ricos que não possuem. As filhas desses pescadores possuem uma educação que muitas meninas ricas, da classe média do nosso país, invejam. Estas coisas é que convém dizer, repetir em Portugal.

— A casa do operário alemão, sueco ou português merece ser visitada. Os seus hábitos são modestos, mas também bem conservados, tam refulgentes, formando um ambiente tão agradável, dando-nos notas de bom gosto, de arte mesmo, verdadeiramente extraordinárias... Os trabalhadores lá também são pobres, também vivem apenas do seu esforço, educação é que é outra.

cozinha dos povos do Norte é um verdadeiro laboratório, higiênico, confortável — Faça-se o contraste

— Mas...

— Ouça, ouça — ia dizendo o sr. Carlos de Sousa entusiasmado pelas suas recordações. — Em geral no nosso país a cozinha é o compartimento mais porco. Pois nos países de que venho falando, a cozinha é a casa mais limpa. É um verdadeiro laboratório. Tudo muito lavado, a comida confeccionada com cuidado extremo...

— Interrompemos, por momentos, o nosso amável entrevistado. Pedimos-lhe para fazer o contraste entre o que nos fala e as casas pobres de Alfama principalmente, onde a cozinha é escura, malventada, a retrete ali perto exalando um cheiro insuportável...

— Quer ver o contraste? — continuou o sr. Carlos de Sousa. — Em Estocolmo há canalização, porque a cidade é edificada sobre rochas, entretanto as retretes são muito mais acedadas que as de Lisboa. Cada retrete possui um canal que vai até ao telhado; no topo desse canal há uma lâmpada de gás de for-

Arrendam das colunas

há analfabetos), a incompetência dos governos, das Câmaras, etc. Aqui em Portugal distinguem-se o operário do rico. Em Estocolmo, no verão, os cafés estendem grande número de mesas nos passeios. Vai para ali toda a gente, mas de todas as classes; pois o indivíduo capaz de distinguir o operário do trabalhador, do rico, do proprietário. A maneira de vestir, os modos, a forma de falar, é elevada em toda a gente. Aqui, triste é dizer-lhe, há muitos operários que não sabem frequentar um café. Cospem no chão, não sabem sentar-se, enfim uma grande desgraça que vós, os que influem nas associações, devem combater com tenacidade.

Após uma grande pausa em que ficámos, entrevistado e entrevistador, pensando no trabalho colossal que há a realizar em matéria de higiene, o nosso entrevistado disse-nos:

— Em Lisboa (e em Alfama deve ser uma calamidade) o pobre não se lava, tem mesmo dificuldade em lavar-se. Eu já pensei, tenho mesmo um projecto dum grande edifício de banhos, com piscinas, jogos, etc., para que em Lisboa houvesse onde tomar-se banho. Em Estocolmo existem quatro grandes estabelecimentos de banhos, jogos e piscinas. Posso garantir-lhe que são os trabalhadores que mais contribuem para que essas casas se mantenham.

A conversa foi afrouxando depois entre lamentos e queixas acerca do que é Lisboa em matéria de higiene. Entretanto nós ficámos com uma grande vontade de principiar uma intensa propaganda de higiene entre as classes pobres.

Os pátios

— E aqui que a falta de higiene mais lamentavelmente se verifica.

Em regra, os pátios são uns quadrados sombrios, onde o sol penetra a custo. Duma ponta a outra do pátio há quase sempre uma corda comprida da qual pendem várias peças de roupa molhada.

A garotada anda por ali brincando entre saltos, cabriolas e guinchos. Quando o visitante chegarem os pequenos as suas faces ganistas, sujas de terra, abrem a boca do espanto como que admirados de ver gente e acabam por pedir dez reis. A um canto uma mulher inclinada sobre uma grande solha, as mangas arregaçadas até aos cotovelos, ensaboa com energia.

A voz da lavadeira ergue-se mais alta, cantando um fado. A's janelas daquele canudo estreito que é o pátio, assomam lenços berçantes de mulheres e cabeças de crianças que espreitam.

As habitações são apertadas e escuras, e as famílias vivem para

Uma frase que constitui um anátema

Uma grande parte da vida de Alfama concentra-se nos inúmeros pátios que, pelos recantos mais sombrios se vêem.

Visitámos alguns desses pátios.

O bairro de Alfama, o mais antigo de Lisboa — Os que acompanharam D. Sebastião na aventura de Alcácer-Kibir

Alfama é um dos bairros de Lisboa em que a tradição paira mais intensamente. Tudo nele faz acudir à nossa memória, o passado, simultaneamente com as iniquidades que o caracterizam, e com os detalhes da velha arte de construir, diluído é verdade somente nas casas solarengas e nos edifícios religiosos. Os seus recantos, condenados hoje pelos modernos princípios profiláticos, pintam, no seu ar sombrio, a aventura da encruzilhada, em que a vida dos caminantes despreocupados era posta a preço da mesma facilidade com que as cabeças dos protagonistas desses lances ocultos se descobriam numa reverência piedosa, perante o viático aos entretidos que em dias festivos passavam pelas suas ruas tortuosas, embalsamadas o ar das flores viciosas que alegravam as janelas acanhadas, e arrebatavam as fronteiras mais caladas dos chafarizes, das casas fidalgas, e dos pequenos tapetes de sobre-arca, que todas as residências, ainda as mais modestas, possuíam, e que hoje, gulosamente, os colecionadores esquadriam, para ornamentar os seus salões opulentos, sem se lembrarem que muitos deles cobriam humildes caixões de filhos do povo, a quem o trabalho consumia para folga dos que tinham haveres fartos.

Ainda hoje, as casas que se apiaham na velha Alfama, geométricas, montes desalinhas, num aconchegamento anti-higienico, erguidas em promincências, mas asfixiantes pela temperatura, simbolizam bem o viver desesperado e fúgubre de imensas gerações para quem a vida se reduzia a queles recantos lobregos, ignorados dos senhores do privilégio e ignorantes do bem estar dos outros. E, o investigador consciente de cérebro e de coração, que nas ruas afimilhadas e pedregosas daquele burgo, se interna, não deve olhar só com a aguda curiosidade de quem procura uma distração espiritual, deve antes bistrutur todas aquelas misérias, estabelecendo o contraste brutal entre o modo de vida da pobreza que aí anda ali se acota, e a soberania desdenhosa dos que recebiam nos seus salões belos, ricamente entalhados, a haur-gome dos cortezãos perfumados.

Alfama apresentava primitivamente dois aspectos, não diremos opostos, mas um tanto diverso, conforme eram dados pela sua parte alta, ou pela povoação vizinha do rio.

Para baixo, na base da montanha acidentada em que foi construída, a vida da família era mais lavada e risonha; o que próximo corria chegava a aquelas existências tortuosas.

A população marítima que enxameava as ruas de S. Pedro e dos Remedios, em que o sol batia mais francamente e com mais prodigiosa folga, endiabradamente, celebrando os seus padroeiros, com festividade, igualada só pelas que os romanos preparavam quando de longe vinham a Enxobregas (Xabregas) em garridos cortejos, e em que pouco menos uma vez por ano, era obrigatória a decoração cerial das ramais verdes de controlo olotoso.

Tudo o que Alfama hoje conserva, aparte a configuração das suas ruas, aproximadamente a mesma dos séculos XVI, XVII e XVIII, foi modificado, não que andasse longe, quer afirmar que das suas igrejas antiquíssimas, existem somente reconstruções muito posteriores que nada dizem do que elas foram na

ali a trouxe-mouxe; dormem as pessoas unidas sobre as estradas numa promiscuidade aviltante.

— Quantas casas tem, tiasinha? — perguntamos a uma velhota que nos acolhe com um sorriso doce.

— Temos três, mas muito pequenas. Quere entrar?

— Não, não; vamos bem daqui.

Há qualquer coisa do desconhecido que não nos deixa entrar, que nos obriga a tomar aquela casa como o supersticioso tema o inferno.

— Quanto paga de renda? — interrogamos ainda.

— Pagamos vinte e cinco tostões, mas o senhorio quer aumentar. Veja o que vai ser de nós.

— E ali defronte, quantas casas tem?

— Ali tem só duas casas...

Vem então até junto de nós uma outra velhota, que logo começa a lamentar-se.

— A vida está tam cara...

Esta frase simples, murmurada numa entoação dolorida, quase constituía a história amargurada

do mobiliário, vendo-se dependurada das suas paredes pinturas em taboa, da escola de Nuno Gonçalves, que é a mais antiga que se conhece em Portugal, como manifestação de arte pictural.

Alfama, na opinião conceituada de Benteav, significa "bairro de pescadores". A injusta da investigação chamou aos seus moradores — turbulentos e amigos de rixas, mas as discórdias que por vezes transformaram as suas ruas estreitas, num simulacro de rebelião, ainda serviu para engrandecer de adorno as credências que então caracterizavam os habitantes de Lisboa. D. Sebastião, o rei aventureiro cuja coroa rolou nos areais de África, encontrou nos filhos de Alfama do século XVI, o auxílio de sessenta barcos, grandes para a sua infeliz viagem de Alcácer-Kibir, como o testemunha uma das suas biografias. Na 66 da Torre, as casas bur-



Vista geral de Alfama

Mais pelos documentos que os arquivos guardam do que pelas conclusões a que se possa chegar, quanto à observação dos seus templos, sabemos que a paróquia de S. Miguel surgiu com a fundação do reino, atribuindo-se ao século XII. Devia ser este templo o mais antigo do local alfanês. A seguir na idade, Santo Estevão que remonta ao século XIII; S. João da Praça, com a data de 1317, em que havia interessado documentos escritos que o incêndio do século XVIII devorou quasi por completo. Depois, já com reconstituições várias, o convento do Salvador era dos mais antigos e respeitáveis de Lisboa, sepultando o célebre arcebispo de Lisboa, grande homem de estado e humanista, D. João Estêves de Azambuja. Este túmulo foi recentemente transportado para o Museu do Carmo, onde se pode ler a sua notável inscrição gótica, sobrepujando as armas dos Azambujas. Mais modernamente, "Os Remedios" cujo portal manuelino é muito bem lançado na sua elegante simplicidade. A pequena igreja tem que ver, sendo digna de observação a cisterna que, logo à entrada, se nos depara, meia engastada na parede, e que ostenta uma legenda que, a despeito de várias tentativas, ainda não pôde ser decifrada por completo. A casa do despacho, conservava, ainda há pouco tempo, o aspecto primitivo

apenas o fogo avermelhado do fogareiro brilha lá ao fundo.

— Quantas casas tem, tiasinha? — perguntamos a uma velhota que nos acolhe com um sorriso doce.

— Temos três, mas muito pequenas. Quere entrar?

— Não, não; vamos bem daqui.

Há qualquer coisa do desconhecido que não nos deixa entrar, que nos obriga a tomar aquela casa como o supersticioso tema o inferno.

— Quanto paga de renda? — interrogamos ainda.

— Pagamos vinte e cinco tostões, mas o senhorio quer aumentar. Veja o que vai ser de nós.

— E ali defronte, quantas casas tem?

— Ali tem só duas casas...

Vem então até junto de nós uma outra velhota, que logo começa a lamentar-se.

— A vida está tam cara...

Esta frase simples, murmurada numa entoação dolorida, quase constituía a história amargurada

"A Batalha" chama a atenção dos poderes públicos para o estado lastimoso em que se encontra o antigo bairro.

Um pouco de história ALFAMA DE NOITE

A luz branca do luar — Alfama trágica, Alfama do rufar e da facada, morreu com os nossos bisavós

A primeira vez que os nossos passos se encaminharam para o bairro de Alfama, a noite ia adiantada, o luar era claro e frio e a cidade, a grande cidade bulçosa, repousava, dormia o sono pesado do trabalho provocado.

Nunca tínhamos ido a Alfama. Alguns amigos entusiasmaram-nos, arrastaram-nos até aquele bairro que na nossa imaginação tomava um aspecto fantástico de lenda.

Pouco a pouco, fomos-nos aproximando do velho bairro; atravessámos a Baixa sonolenta, aquela hora, apenas entrecortada pelas palmas sonoras de alguns retardatários a quem a resposta da guarda-noturna com a sua voz vibrante na calma profunda da madrugada.

Pasávamos à Madalena.

Entramos agora na antiga área de Alfama, embora não seja esta a parte mais característica do bairro — disse-nos um dos nossos companheiros.

Fomos seguindo sempre. Passos andados, a fronteira soberba da Sé surgiu na nossa frente, alta, amarelecida, perdendo-se as suas torres lá em cima na noite, onde a lua espalhava a sua gélida claridade. Descemos a rua de S. João da Praça, penetramos na rua de S. Miguel até ao coração de Alfama.

A claridade forte do luar pintava a casaria de tons de luz e as ruas eram cortadas aqui e acolá por esguios lençóis brancos: era a lua que se escapava pelos becos e travessas, e a noite se desfez.

Um relógio de igreja, ali perto, vibrou três horas. As badaladas pairaram por muito tempo no ar, sobre as nossas cabeças, sumindo-se no azul sereno da noite calma. As ruas estreitas, muito estreitas, tam estreitas que os beirais dos telhados quasi se tocavam, mal nos deixando ver entre eles uma nega de horizonte, estavam completamente desertas.

Era assim sossegado, pacato o bairro cuja fama de truculência ainda não se desfiz.

O nosso passeio prosseguia. Ora subíamos uma calçada íngreme, ora nos surpreendíamos descendo longas escadas de pedras por onde o luar jorrava. Portas tóscas encerravam segredos de miséria, de dor, de tragédia talvez. Que vontade teríamos de adivinhar o que haveria para além da mudez daquelas portas.

Não havia ruído que alterasse o silêncio em que todo o bairro mergulhava. Apenas o gemido volutinoso dos gatos ou o ressonar alto dum vizinho agitado, por vezes, a atmosfera que se respirava.

Caminhando em silêncio, a nossa imaginação excitava-se, pela nossa mente perpassavam as cenas trágicas da facada e da desordem que os jornais relatam. Detinhamos-nos por momentos, Escutávamos e não ouvíamos os gritos afilados das vítimas, nem víamos vestígios de sangue. Tudo era sossego em volta, um sossego que era uma gargalhada de troça às lendas que os grandes rotativos contam.

Tivemos a impressão de que não havia bairro mais pacífico do que Alfama. E não nos enganávamos. Alfama é o bairro dos trabalhadores, dos mais rudes trabalhadores, daqueles que mourream durante um dia inteiro e para quem a noite é pouca para repousar.

Se por vezes ao comêdo da noite uma rixa mais violenta produz sangue, não é porque a fadole daquela gente seja má. É porque o álcool fez impelo os homens para o crime. Se o álcool não existisse, noventa e nove por cento dos crimes não se teriam praticado.

Causava-nos uma impressão extraordinária o sabermos que aquela hora centenas de criaturas dormiam ali muito perto de nós, atrás da parede toca a que nos encostávamos olhando a lua tam alta no céu límpido. As ruas silenciosas eram para nós um mistério, um enigma que decifrado nos revelaria miséria; dor, muita dor humana. E tivemos a confirmação deste pressentimento vago que nos aligia, mais tarde, quando

tempo depois, em pleno dia, visitámos aquelas balucas miserandas, sem ar nem luz, buracos sombrios onde a pobreza se abriga.

— Quem diria nessa noite, que aquele bairro lindo, de beleza estranha, bizarras a luz branca, imaculada do luar, era durante o dia um bafio atordado, em que mulheres e crianças se agitam febrilmente numa vida pobre, estreita, atabalhada pelos tetos baixos e sujos?

Embrilhados no nosso pensar continuávamos marchando. De súbito, num beco pleno de sombra, escaram vozes, vozes que conversavam. Caminhávamos com cautela. Perpassamos pelo nosso cérebro pensamentos de terror tornámos a acreditar nas lendas dos jornais. Ao dobrar uma esquina, a alguns passos de nós, deitados no chão, meia dúzia de homens embrulhados em largas capas à lantejana conversavam. Algumas guitarras repousavam junto deles. Passámos, demos as boas noites, amavelmente correspondidas.

Quando nos sumíamos longe, no fundo do beco, alguns gemidos de guitarra, dolentes, suaves, chegaram até nós...

E, definitivamente, ficámos convencidos de que Alfama tenebrosa, Alfama do rufar e da facada morrerá com os nossos bisavós.

comem, dormem, sofrem quatro, seis e até oito entes humanos. Digam se a isto se pode chamar viver, se a vida de oito vidas pode comprimir-se, pode viver num espaço tam resumido. Porisso a vida, à força de se comprimir, estorça e salta para a rua. Para conhecer a vida de Alfama, basta observar as suas ruas. Elas oferecem documentação farta da vida, dos seres e das coisas. Ao contrário dos bairros ricos, onde as habitações são amplas, espaçosas, com espessas paredes, que não deixam chegar nenhum ruído à rua, com janelas cujas persianas sempre hermeticamente cerradas nada deixam ver, pouco deixam adivinhar. Em Alfama, não. Ali a vida desnuda-se francamente numa nudez violenta.

As crianças, semi-despidas nos seus farrapos pulam para a rua, falam a linguagem da rua, e recolhem a casa onde seus lábios repetem inconscientemente o seu vocabulário obscuro, e os homens saem cedo para os seus trabalhos forçados a que a vida os condenou, e recolhem tarde. Pouca vida, vivem em casa. Ao menos a rua dá o sol que não invade a casa, a luz que dela anda sempre arredia e o ar que nunca lá penetra. Porém há ruas em que os telhados quasi se abraçam, ruas em que se não vê o céu, mas onde o sol não surge nunca. Nessas ruas, não se vive, asfixia-se, numa asfixia lenta, horrível, asfixia que se suporta pela força do hábito, força mal dita que tudo faz suportar — inclusive a asfixia.

ALFAMA DE NOITE

ALFAMA não vive em casa, porque não se compreende, sem se habitar a lá morar, como se vive sem ar, sem luz, sem espaço. Num espaço, que pouco mais soma que um metro quadrado.

ALFAMA DE NOITE

ALFAMA não vive em casa, porque não se compreende, sem se habitar a lá morar, como se vive sem ar, sem luz, sem espaço. Num espaço, que pouco mais soma que um metro quadrado.

ALFAMA DE NOITE

ALFAMA não vive em casa, porque não se compreende, sem se habitar a lá morar, como se vive sem ar, sem luz, sem espaço. Num espaço, que pouco mais soma que um metro quadrado.

ALFAMA DE NOITE

ALFAMA não vive em casa, porque não se compreende, sem se habitar a lá morar, como se vive sem ar, sem luz, sem espaço. Num espaço, que pouco mais soma que um metro quadrado.

ALFAMA DE NOITE

ALFAMA não vive em casa, porque não se compreende, sem se habitar a lá morar, como se vive sem ar, sem luz, sem espaço. Num espaço, que pouco mais soma que um metro quadrado.

ALFAMA DE NOITE

ALFAMA não vive em casa, porque não se compreende, sem se habitar a lá morar, como se vive sem ar, sem luz, sem espaço. Num espaço, que pouco mais soma que um metro quadrado.

Máquinas e Ferramentas

Para as indústrias,
para a agricultura
e para as colónias

Instalações completas de:

Fábricas de moagem, descasque de arroz, massas, serração, carpintaria, cerâmica, conservas, fição, tecidos, gelo, refrigerantes, adubos, papel e outras indústrias.
Lagares de azeite «PIETRO VERACI».
Motores a gaz pobre de 8 a 300 H. P. «PAXMAN».
Tractores «CASE» com as respectivas charruas «Grand-Tour» — Os tractores que obtiveram o 1.º premio e medalla de ouro no concurso de Lincoln em competecia com 38 outros concorrentes.
Locomoveis, com fornalha propria para queimar lenha, «PAXMAN».
Motores a oleos pesados «DIESEL» e «SEMI-DIESEL».
Jogos de debulha «PAXMAN».
Enfardadeiras «STEPHENSON».
Máquinas de vapor, fixas, semi-fixas e caldeiras «PAXMAN» de todas as forças.
Ceifeiras, gadanheiras, «DEERING».
Respiadores e grades de dentes de mola.
Cultivadores e semeadores «PLANET».
Corta-fenos simples e para ensilagem.
Trituradores para rações e cereais.
Desintegradores «CARTER».
Bombas centrifugas, aspirante-prementes rotativas, Columbia, de jarro e relógio.

Bombas «Worthington» e «Giffards» para alimentação de caldeiras.
Bombas de trasfega «NOEL».
Desnatadeiras e bateadeiras «ANGELUS».
Crivos seleccionadores «Marot».

Accessorios para todas as debulhadoras e ceifeiras.
Redes de aço para escovadores.
Carrinhos de mão para sacos.

Tubos de aço para caldeiras fixas e portomoveis

Magnetos e alumagens para motores.
Aparelhos diferenciais e mandris.
Lubrificadores de todos os sistemas.

Oleos, torpedos e empanques

Ferramentas para as indústrias.
Tornos, limadores, máquinas de frezar, furar e atarrachar «DANISH».

Instalações completas de luz e força motriz

Sem excesso de reclame, a casa que tem em armazem não só os maquinismos que anuncia, mas ainda muitos outros que pela sua diversidade é impossível especificar. Para comprovar o que afirmamos, convidamos os nossos ex.ºs clientes a visitar os nossos armazens

Fornecem-se propostas e orçamentos

Eduardo Pinto de Sousa & C.ª, L.ª

Telef. C. 193 e 2288 — 74, Rua 24 de Julho — End. telegr.: Mecânica-Lisboa
LISBOA

Ninguém segure prédios ou mobílias
contra incêndio, sem consultar



A MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.696\$14,7
SEDE EM LISBOA
Rua Garrett, 95 — Tel. 4084
A Mundial, de acordo com um fortissimo grupo ressegurador, estabeleceu prémios para os seus segurados que DESAFIAM TODA A CONCORRENCIA, oferecendo a máxima das garantias, NAO SOBRECARREGA os segurados com quaisquer ADICIONAIS para impostos, que são integralmente pagos pela Companhia, nem com custo de apólices. Segura, também contra INCENDIO E ROUBO numa só apólice.

AGENCIAS EM TODO O PAIS

A Crise do Socialismo

Brochura de grande actualidade
por AUGUSTIN HAMON

Encontra-se já á venda nas livrarias, tabacarias e quiosques.
PREÇO \$40

ARMAZEM APOLO
30, Rua do Amparo, 34

BARBEITOS & LEÃO

Participam a todos os amigos e camaradas que tomaram a gerência daquela armazem, onde se encontra um grande e variado sortimento de artigos de

Chapelaria e Sapataria

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C.ª L.ª
Telefones (central) 2778 e 3478
gramas Ferrame

Ferramental completo para todas as officinas.
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro, latão, zinco, chumbo e arames diversos.
Carre, vagonetes e todos os pertences de material «Decauville».

22, largo de S. Julião, 28
Rua Nova do Almada, 1, 3 e 7
LISBOA



VÃO A'
Sapataria S. Roque
VER

Grande sortido de calçado que esta casa tem para a estação do inverno.
Bota branca, forma broa e americana, desde... 13\$75
Bota cal preta com solado de borracha, a... 37\$00
Bota cal preta, forma moderna e broa... 26\$00
Bota branca para rapaz... 9\$00
Sapatinhos de verniz para criança á bebé, desde... 2\$50

Grande saldo
Botas em cal pretas, botas cal cor, sapatos de verniz para homem tudo a... 20\$00

Calçado de luxo
para homens, senhoras e crianças
Ultimos modelos
Preços convidativos
Fazem-se concertos. Venda por atacado e a retalho

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e da Cooperativa dos Empregados do «Diário de Notícias».

Queiroz L.ª
L. Trindade Coelho, 17
(Antigo L. de S. Roque)

A' grande Baixa de Calçado

Sapatos em cal preto para senhora 11\$00
Sapatos em verniz todos os modelos 20\$00
Botas cal preto grandesalado 21\$00
Botas cal preto com duas solas 22\$50
Grandesalado de botas pretas para homem 17\$00
Grande saldo de botas brancas 16\$15
Um colossal sortimento em calçado para crianças
Grande saldo de botas de cor para homem a... 23\$00
Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bom
18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

Queréis o vosso relógio concertado com garantia e por preço módico?

Levae-o ao
33 de S.º André
actualmente
Largo Rodrigues de Freitas, 33
(em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJEIRO E OURIVES
DB
ALVES D'ANDRADE, L.ª

ISQUEIROS

Pedras para isqueiros, vendem-se no Largo do Conde Barão, 55, (Tabacaria do isqueiro á porta).

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formados dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL



ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO

Armazem e escriptorio: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.º Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.º Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.º Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Publicações sociológicas

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

	Pelo correio	Pelo correio
Adelfino de Pinho.— Quem não trabalha não come... 800 800	Sindicalismo e Parlamento... 800 800	
Adolfo Lima.— O contrato do trabalho... 2400 2400	Os bastidores da guerra... 400 400	
Afonso Schmidt.— Evangelho dos Livres... 800 800	Lagardelle: Socialismo e Socialismo... 400 400	
Basilio Teles.— Estatuto dos povos... 400 400	Landauer: Socialismo e Socialismo... 400 400	
Briand.— A greve geral... 800 800	A Social Democracia na Alemanha... 400 400	
Campes Lima.— O movimento operário em Portugal... 400 400	Leone.— O Socialismo... 400 400	
Carlos Rates.— A ditadura do Proletariado... 800 800	M. Pierrot.— Socialismo e Revolução... 400 400	
Charmes Albert.— O amor livre... 400 400	Malatesta: A politica parlamentar no movimento socialista... 400 400	
Content.— Contra o confessionalismo... 400 400	O programa socialista-anarquista... 400 400	
Detais.— Os financeiros, os políticos e a guerra... 400 400	Entre camponeses... 400 400	
Domele Nieuwenhuis.— Política e Humanidade... 400 400	No café... 400 400	
Dufour.— O socialismo e a reforma revolucionária... 400 400	Manuel Ribeiro.— Na linha de fogo... 400 400	
Emilio Costa.— Acção directa e acção legal... 400 400	Marx.— O Capital... 1400 1400	
Etienné.— A minha defesa... 400 400	Naquet.— O caminho da união... 1400 1400	
Fabre Ribas.— O socialismo e o conflito europeu... 400 400	Nietzsche: Anti-Cristo... 1400 1400	
Griffuelles.— A acção sindicalista... 400 400	Genealogia da moral... 1400 1400	
Guilherme de Greef.— As leis sociológicas... 1400 1415	Novikov.— A emancipação da mulher... 1400 1415	
Guyard.— A moral sem obrigação nem sancção... 1400 1415	Pataut e Pouget.— Como faremos a revolução... 1400 1415	
Hamon: A conferencia da Paz e a sua obra... 1400 1415	Perfeito de Carvalho.— Notas e comentários... 400 400	
As lições da guerra mundial... 1400 1415	Pouget: A Confederação Geral do Trabalho... 400 400	
O movimento operário na Grã-Bretanha... 1400 1415	Prati: Necessidade da associação... 400 400	
Psicologia do militar... 1400 1415	Ricardo Melia: O principio do fim... 400 400	
Psicologia do socialista-anarquista... 1400 1415	Rogal.— A sugestão e as multiplas... 400 400	
A Crise do Socialismo... 400 400	Rusureno.— A escravidão social da mulher... 400 400	
Henriette Roland.— A Rússia nova... 400 400	Santos.— A transformação da sociedade pelo socialismo... 400 400	
Jean Grave: A Anarquia-Fim e meios... 400 400	Tolstói: O canto do cisne... 1400 1410	
A Sociedade Futura... 400 400	Ultimas palavras... 2400 2410	
Indivíduo e a Sociedade... 1400 1415	Trótsky.— Constituição politica da república dos Sovietes... 400 400	
José Carlos de Sousa.— A propriedade privada... 400 400	Um de nós: A caninhala... 400 400	
Jose F. Lorenzo.— Maximalismo... 400 400	Vandervelde.— O colectivismo e a evolução industrial... 1400 1410	
Jules Guesde.— A lei dos salarios... 400 400		
Krapotkine: A Anarquia, sua filosofia e seu ideal... 400 400		
A Grande Revolução (2 vol.)... 2400 2410		
A moralanarquista... 1400 1415		

O BRIG A' BRAC DE ALCANTARA

DE: JOSÉ JOAQUIM NICOLAU VERISSIMO
37, Rua de Alcantara, 37 Sucursal: III, Rua do Livramento, 113
COMPRA E VENDE E TROCA MOVEIS NOVOS E USADOS e diferentes objectos
Palha de milho, K.º \$45 cts., fina, K.º \$70 cts., Lenha, K.º \$08 cts.
6 oio do desconto aos assinantes de A BATALHA

Companhia Nacional de Navegação

Linha regular de três em três semanas, entre a Metrópole e as Colónias Portuguesas

VAPOR AFRICA

Saíra no dia 1 de Fevereiro para Funchal, S. Vicente, Praia, P.º, Príncipe, S. Tomé, Cabinda, Zaire, Ambriz, Luanda, Cuito, B. Velha, (Ambrizete, Quissanga, Boma, Nguil, Matadi, Landana, Mucula e Mussera com transbordo em Lourenço, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Mossamedes, B. dos Tigres e P.º Alexandre.

Vapor MOÇAMBIQUE

Saíra em 21 de Fevereiro para os portos acima indicados.

Vapor MOSSAMEDES

Saíra em 1 de Março para os portos acima indicados.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, dirigir-se aos escriptorios da Companhia Nacional de Navegação

EM LISBOA: R. do Comércio, 85
NO PORTO: R. da Nova Alfândega 24

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

DIRECCÃO GERAL ABASTECIMENTOS

Venda de papel inutilizado
No dia 30 de Janeiro, pelas 15 horas, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para a venda de 20.000 quilos, aproximadamente, de papel inutilizado.

As condições estão patentes em Lisboa, na A.ª Repartição da Direcção Geral (edifício da estação de Santa Apolónia) todos os dias úteis, das 10 ás 16 horas.

O depósito para ser admitido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio externo da estação do Rocio.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1922.
O director geral da Companhia (A) Ferreira de Mesquita

Alegorias sociais

Publicadas pelo nosso colega A Comuna, do Porto, nos seus números do 1.º de Maio de 1920 e 1921 em separata e em bom papel couché, encontram-se á venda na administração de A Batalha, ao preço de \$25 e \$30.

São umas belas alegorias para emoldurar e figurarem nas salas das associações operárias. Para a provincia e estrangeiro acesse o porte do correio.

Trabalhadores: Lêde e propagai A BATALHA

Nicolau Gomes Correia

ALFAIATE-MERCADOR

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato.

Grande variedade de sobretudos e capas á alemtejana. Casacos para senhora á confeccionados.

AVIAMENTOS—PARA ALFAIATES

Rua dos Fanqueiros, 255

Belsaúde VITER

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes

Cura rapidamente

Catarras, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, apressa a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfecta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais poderoso dos inhaladores.
2.º E' usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a dentaria a por todas as pessoas que tem de suportar óculos desvidados porque defende de contagios perigosos.
3.º São usadas pelas pessoas doentes, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicas, porque impoem o pigarro aborrecido e os seus sonoros reparadores seguem:
4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, solara a voz e fortalece as vozes; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em publico.

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atena a acção nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias e de quem com elles coexistem, evitando-lhes o cancro e o ostar das vias.
6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intellectuaes, tendo a surmanagem cerebral. Usadas por todos os que pensam muito.
7.º Usadas pelos que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque fumam o ambiente e tornam-se em casa das células das vias respiratórias, servando-as das doenças contagiosas, ta como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, diptheria, angina, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos
Fórmula n.º 3 (fortissimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com selo VITER:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc
Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

FORMIOL

REGISTADO

Medicamento de éxito notável na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, avião a memória e evitado a neurastenia. Os seus maravilhosos efeitos são absolutamente garantidos no tratamento da anemia, tuberculose, fraqueza genital, doenças do coração e pulmões, afecções nervosas, dores nocturnas, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escorbutos, infirmitades, reumatismo, afecções ósseas, distensões laboriosas e frageza senil. Tónico por excelência do sistema nervoso e muscular, quinquificando as forças e evitando a



que se tem tratado das doenças indicadas e sempre com optimos resultados. Não dietar. A' venda em todas as boas farmacias e drogarias. Preço 4 escudos. Com até 2 frascos, mais 50 centavos.

Depositar em Lisboa: Farmacia Barral, R. do Ouro, 138; Balcão, Rocio, 124; Azevedo, Rocio, 51; Quintana, R. da Prata, 189; Pereira, Praça da Verdade, 124; Colmura: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139; Balcão, Farmacia Bastos, R. da Mineradora, 121; Betubal: Farmacia Oliveira, R. da M.ª corda, 14; Braga: Instituto Galeano, Praça do Conde d'Agrolongo, 25 — Évora: Farmacia Ferro, R. João de Deus, 55 — Faro, Haudiera & C.ª, R. de Santo Antonio, 1; AFRICA OCCIDENTAL — S. Tomé: José Pedro da Fonseca, R. General Calheta; Lourenço: Serra, Annes & Irmão; — Benguela: Farmacia Continental.

DEPOSITO GERAL — Farmacia Albano

57, R. da Escola Politécnica, 59 — Lisboa

SAIDAL

E' o único específico ideal e infallível indispensavel ás senhoras para a segurança. FRIEIRAS, — só o verdadeiro Pó de Maio as cura rapidamente. TOSSES — só as Pílulas Santas são cura radical.

FARMACIA CABRAL, Suos. — R. Presidente Arriaga, 39. — PAMPULHA — Lisboa.

OS VAGABUNDOS

Peca em 1 acto, por Alberto Breta

Preço \$30, pelo correio \$33

“Peroxydril”

A melhor água oxigenada. A' venda em todas as farmacias e drogarias. Fabricantes: Bandeira de Meio, L.

Perola da China

Rua da Palma, 123 a 139 (1.º andar)

Bolachas HUNTLEY & PALMERS AS MAIS FINAS, RECEBIDAS DIRECTAMENTE

Passas de Malaga, nova colheita. Pudings Freemans (instantaneos), Pickles, compotas, em latas e frascos. Marmelada, fabrico especial.

Pão de ló celeste, de Ovar. Gelatina, alemã (rosa e branca). Manteiga RIVAL, a melhor.

CHÁS E CAFÉS

TRATADOS COM ESPECIAL CUIDADO

Benedictine, Kerman, Cointreau e MAIS LICORES, ESTRANGEIROS E NACIONAIS

CHAMPAGNES, Vinhos do PORTO e MADEIRA

Vinho SÃO JOÃO REGIONAL DE SINTRA — O MELHOR PARA MESA; EXCLUSIVO DE VENDA EM LISBOA

Pessoal atencioso e delicado

Francisco Manuel Pereira, Limitada
Tel. 418 C. — Telegramas: PEROLA

EXECUTAM-SE PRIDOS PARA A PROVINCIA